

LIVROS PROIBIDOS DURANTE O ESTADO NOVO

SABER MAIS



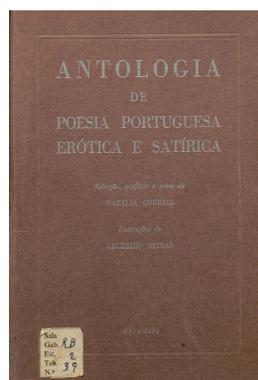
No Estado Novo (1926–1974), censuravam-se os jornais, as revistas, as peças de teatro, os filmes e a televisão ainda antes de chegarem ao público; era a chamada *Censura Prévia*. A Literatura também podia ser censurada, mas geralmente só depois de estar publicada. Não havia capacidade de examinar tudo antecipadamente e se um livro fosse proibido depois de impresso o prejuízo da editora seria muito mais grave.

A exata extensão das atividades da Direção dos Serviços de Censura ainda se ignora porque as suas instalações em Lisboa foram invadidas por populares em 26 de abril de 1974 e parte da documentação perdeu-se. Estima-se que os censores tenham examinado entre 7 a 10 mil livros, muitos deles proibidos por «inconvenientes» e os seus autores vigiados ou perseguidos pela Polícia Política do regime. Aqui mostram-se só livros de portugueses, mas também foi muito grande o número de traduções proibidas.

Nalguns casos, as razões da proibição eram quase ridículas. Escrever a palavra «vermelho» podia levar a um *corde* porque os leitores empregues pelos Serviços da Censura (de início, militares) podiam ficar na dúvida se o «vermelho» se referia ou não a comunista. E, havendo dúvida, censurava-se! Por vezes, a Censura só não atuava para que uma Proibição não acabasse por fazer publicidade adicional à obra.

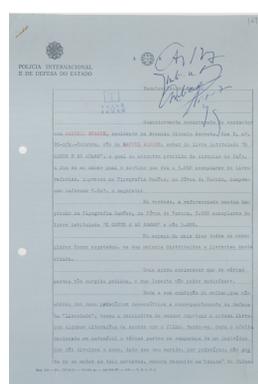
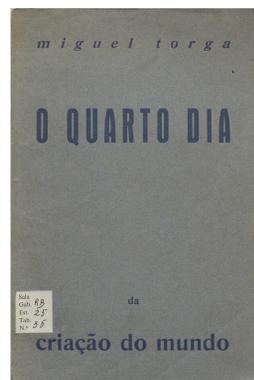
**Bateu à porta o agente
Mostrou o cartão e disse
Fomos informados.
Entrou
Percorreu a casa toda
Revistou revistou os livros.
Era já tarde
Era a segunda vez.
Disse
Tenha cautela.
Saiu
fechou a porta.
Fechei-me.**

Ana Hatherly
Poesia: 1958-1978



Uma das obras proibidas mais conhecidas foi a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* (1965) porque a sua proibição e apreensão por «ofensiva do pudor geral, da decência e da moralidade pública e dos bons costumes» conduziu os responsáveis a julgamento criminal, no Tribunal Plenário da Boa Hora (Lisboa): apesar de ali ter sido «reconhecido o mérito literário da obra», saíram condenados em prisão remível a multa, em 21 de março de 1970, Natália Correia, organizadora, Fernando Ribeiro de Mello, editor e a maioria dos autores vivos incluídos nessa *Antologia*.

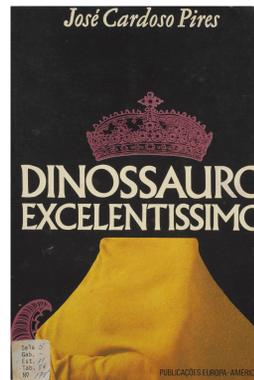
Desde 1939 que Miguel Torga era vigiado como «oposicionista» pela PVDE/PIDE, que acerca dele reuniu 455 páginas de informações, em vários processos. Algumas das suas obras foram proibidas, como *O Quarto Dia*, que lhe valeu dois meses de prisão, mas a maior parte delas foram «nem Autorizadas, nem Proibidas, por razões óbvias». Foi o caso de *Bichos*, que não podia ser mencionado nos jornais nem existir em bibliotecas de agremiações populares. Quais fossem essas «razões óbvias» da Censura, elas hoje nada têm de óbvio para nós.



Manuel Alegre, já refugiado no exílio, também foi uma vítima: os seus livros de poesia *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967) foram proibidos e os (poucos) exemplares encontrados pela PIDE foram apreendidos. É que ambas as edições se tinham esgotado em poucos dias. Poemas desses dois livros tornaram-se símbolos da luta antifascista, cantados, entre outros, por Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire e Luís Cília.

Um dos casos mais extraordinários deu-se com o *Dinossauro Excelentíssimo* de J. Cardoso Pires. O livro acabara de sair e o deputado da «ala liberal» Miller Guerra afirmou na Assembleia Nacional que não havia liberdade em Portugal. Para o contrariar, o deputado Casal-Ribeiro (ultraconservador) perguntou-lhe, precipitadamente:

«V. Exa. falou no falso conceito de liberdade. E eu pergunto o seguinte: V. Exa. quer mais liberdade do que aquela que nós vivemos neste momento, quando se permite, por exemplo, a saída de um livro ignóbil chamado *Dinossauro Excelentíssimo*?»
(*Diários das Sessões Diário da Sessões*, n.º 201, 29 nov. 1972).



Apontado estupidamente como um exemplo da liberdade, a Censura ficou sem capacidade de atuar, em relação ao livro e ao seu autor. E foi um verdadeiro sucesso, com seis edições em 1972–1973.

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA
BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
EM COLABORAÇÃO COM
PLANO NACIONAL DAS ARTES
REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES



ORGANIZAÇÃO



BIBLIOTECA GERAL
UNIVERSIDADE D
COIMBRA



REDE DE
BIBLIOTECAS
ESCOLARES

APOIOS

ABELA E O
MONSTRO

